



REVISTA CIENTÍFICA DA UMC



PRECONCEITO LGBT'S: INFLUÊNCIA NA APRENDIZAGEM EM ESTUDANTES DE ESCOLAS PÚBLICAS E PARTICULARES DE MOGI DAS CRUZES

Fernando Santos de Oliveira ¹; Raiane Aparecida dos Santos Azevedo²; Daieny Panhan Theodório³

1. Estudante - curso de Psicologia; e-mail: fernando_s.oliveira@hotmail.com;
2. Estudante - curso de Psicologia; e-mail: ra.ahsantos@hotmail.com;
3. Professora - UMC; e-mail: daienytheodorio@umc.br.

Área de Conhecimento: Psicologia Programação de Condições de Ensino, Aprendizagem e Desempenho Acadêmicos

Palavras-chave: Preconceito; Desenvolvimento educacional; LGBTQIA+.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa que se situa na área da psicologia escolar, objetiva-se em identificar a correlação entre o preconceito e o processo de aprendizagem de pessoas LGBTQIA+: lésbicas, gays, bissexuais, trans e travestis, *queers*, intersexuais, assexuais e as demais existências de gêneros e sexualidades, pois Casili e Gonçalves (2019) demonstraram em um estudo que apesar dos avanços em relação a intolerância, a população LGBTQIA+ ainda sofre ataques físicos e psicológicos, em decorrência do preconceito dentro das instituições de ensino, estas por sua vez deveriam promover o debate, a diversidade e a cidadania. Essa situação é decorrente do preconceito, que é entendido por Allport (1954) como um dos processos mentais de categorização. Baseando-se em conhecimentos populares, é considerado como uma atitude negativa empregada a uma pessoa ou grupo, essa atitude negativa pode se tornar violência simbólica, compreendida como uma violência silenciosa, muitas vezes imperceptível às vítimas, porém a pessoa que exerce a violência tem poder sobre os outros "violentados" (BARRETO et al., 2018), sendo o preconceito um dos motivos pelos quais se faz necessária a reorganização do ensino de modo mais inclusivo em questões de acesso e permanência (OLIVEIRA; LEITE, 2010). Nesse contexto, a escola inclusiva é responsável por aplicar as práticas educacionais de forma que se respeitem as diferenças, pratique-se o acolhimento e integre os alunos, já que as pessoas têm suas características próprias de aprendizado (COLL; MARQUESI; PALACIOS, 2010) permitindo que os alunos LGBTQIA+ não tivessem sua educação comprometida pelo preconceito sofrido.

OBJETIVOS

O objetivo geral da pesquisa é compreender os efeitos causados pelo preconceito no processo de aprendizagem de pessoas LGBTQIA+. Os específicos: analisar qual a influência do preconceito na motivação para estudar e para permanecer na escola; identificar as formas que o preconceito foi expresso para o estudante; compreender como acontecia a interação com outras pessoas na escola.



METODOLOGIA

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com o número do Parecer: 4.245.491. Conforme Gil (2002) nessa pesquisa confere-se o caráter descritivo, onde se propõe compreender a relação entre variáveis, procurando identificar as características e a relação entre a variável preconceito e o desenvolvimento educacional. Os participantes foram 15 pessoas LGBTQIA+ que estudaram no município de Mogi das Cruzes. Os critérios de inclusão: terem estudado em escolas públicas ou particulares, na faixa etária de 18 a 40 anos de idade. Como instrumentos utilizou-se dois questionários, o primeiro denominado ficha de cadastro, para coletar dados e validar os critérios de participação e identificar as características da amostra, o segundo com 13 questões abertas, para obter informações sobre a rotina escolar. Os participantes foram acessados por meio de redes sociais e os questionários respondidos pelo google formulários.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre os participantes 66,67% se identificam como homossexuais, 26,66% como bissexuais e 6,67% pansexuais. Observa-se que a amostra, não alcançou ao menos um participante de cada público que compõem a sigla LGBTQIA+, mas os dados coletados são um recorte essencial para demonstrar os impactos do preconceito no desenvolvimento escolar. As respostas obtidas dos participantes foram dispostas em 3 partes:

1) Quanto a demonstração do preconceito: Quando questionados se eles já sofreram preconceito na escola dos participantes 73,33% afirmaram já ter sofrido preconceito no ambiente escolar no município de Mogi das Cruzes, enquanto apenas 26,67% deram uma resposta negativa, no entanto ao analisar o conteúdo das respostas, observou-se que alguns não compreendiam aquelas atitudes como preconceito ou escondiam a sua sexualidade das demais pessoas, como observa-se nos trechos a seguir:

Participante11(Lésbica, 28, escola pública): “Assumi depois da escola”.

Participante12(Bissexual, 20, escola particular): “Não, pois não me expunha por medo”.

Além disso, nos dados coletados sobre a forma com que o preconceito era demonstrado observou-se que as agressões verbais são as mais comuns no contexto escolar mogiano, sendo que 60% dos participantes citaram, assim como em uma pesquisa realizada pela ABGLT em 2016 (Associação Brasileira de Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais), que 84,4% dos participantes disseram ter sofrido agressões verbais.

Participante 01 (Gay, 25, escola pública): “Julgamento por trejeitos considerados femininos”.

Participante 03 (Lésbica, 20, escola pública): que achou não sofrer preconceito “...uns comentários desnecessários”.

Em relação às agressões físicas, observou-se que 7% dos participantes sofreram agressões físicas, comparando com o levantamento da ABGLT as agressões físicas foram mencionadas por 35,8%, dos participantes, sendo um número expressivamente maior, porém na pesquisa de Góis e Soliva (2011) focada no público gay, sendo 20 homens de 18 a 24 anos da Universidade Fluminense, em que nenhum dos entrevistados relataram ter sofrido violência



REVISTA CIENTÍFICA DA UMC



física. Enquanto na pesquisa realizado por Chacham (2016) em seu estudo desenvolvido em uma escola pública de Belo Horizonte, dos 62 participantes LGBTQIA+ 36,5% (n=23) disseram ter sofrido violência física na escola.

2) Quanto a influência do preconceito na motivação e evasão escolar: as principais motivações apresentadas pelos participantes da pesquisa, ao serem questionados, sobre o que os motivava a estudar, 50% das respostas foram emprego e reconhecimento, enquanto as relações e vínculos sociais corresponderam a 22%, sendo 17% correspondente a amigos e 5% a comunidade escolar, em relação a evasão, todos os participantes da pesquisa conseguiram completar o ensino básico, sem evadi-lo, assim como foi coletado na pesquisa de Moreira (2011) com 226 pessoas da Grande Vitória. Entretanto, ao serem questionados os motivos que para evadir a escola, 54% dos participantes apresentaram motivações relacionadas ao preconceito, como: o excesso de preconceito, falta de amigos e preconceito familiar, além disso, não participaram de ambas as pesquisas pessoas transexuais, travestis ou transgêneros e por isso o número de pessoas que evadiram o contexto escolar foi nulo, pois ao comparar com a pesquisa de Raimundo et. al., (2021) em que 8 participantes transexuais, transgêneros e travestis foram entrevistados, a porcentagem de evasão no ensino médio sobe para 12,5%, porém eles a caracterizam como “expulsão”, pois a instituição não ofertava os direitos mínimos para a permanência dessa população, assim como os atos discriminatórios com essa população foi mais frequente e intenso.

3) Quanto as relações estabelecidas: Quando questionados sobre sua relação com os professores, apenas 13,33% dos participantes não tinham uma boa relação, enquanto 86,67% conseguiam uma boa relação acadêmica, entretanto dentre alguns participantes afirmaram não expressar a sua sexualidade ou gênero ou que os professores desconheciam, além disso, há relatos de alguns professores serem os agressores, como pode-se observar nos trechos a seguir:

Participante 09 (Pansexual, 24, escola particular): “Era uma ótima relação, mas não me abria a respeito da minha sexualidade”.

Participante 05 (Lésbica, 23, escola pública): “Professores homens por exemplo, já se afastaram ou “perderam” o interesse de me ensinar algo, depois de eu falar que sou homossexual!!”

Participante 10 (Bissexual, 20, escola particular): “ouvi coisas desagradáveis de professores, dos inspetores e da direção.”

E como pode-se observar no relato do participante 03, a coordenação e direção tinham comportamentos semelhantes, pois, quando questionados sobre como era a relação com a coordenação e os demais funcionários da escola, 20% dos participantes afirmaram não ter abertura para falar sobre preconceito, além disso, houve relatos que sofrer preconceito desses profissionais. Por fim, os participantes conseguiam interagir com os outros alunos, sendo que, ao serem questionados sobre a relação com os alunos e se conseguiam ter um bom convívio social, 93,33% afirmaram positivamente, enquanto, ao serem questionados sobre as atividades em grupo 73,34% dos participantes conseguiam realizar atividades em grupo e não apontaram dificuldades, enquanto 26,66% deles não conseguiam. Destaca-se, que durante a leitura dos relatos, observou-se que alguns participantes aparentaram ser limitados ao seu grupo de amigos, como se exemplifica no trecho abaixo.



REVISTA CIENTÍFICA DA UMC



Participante 01 (Gay, 25, escola pública): “Sentia dificuldade de me relacionar com um grupo do qual não fazia parte”

CONCLUSÃO

Com base nos objetivos propostos, inicialmente, buscou-se identificar se os participantes da pesquisa sofreram preconceito por serem LGBTQIA+ durante seu desenvolvimento educacional, sendo a maioria realmente sofreu, além disso, dos participantes que afirmaram não ter sofrido preconceito durante o desenvolvimento educacional, justificaram não se expor ou expressar-se quanto a sua identidade de gênero ou orientação sexual, como estratégias de esquivar-se do preconceito. Em relação as formas como o preconceito era expresso aos participantes identificou-se: agressões verbais, agressões físicas, violência simbólica, perde de amizades, segregação e exclusão no ambiente escolar, tratamento diferenciado por profissionais. Observou-se que o preconceito estabelece uma função reforçadora ao comportamento de evasão, pois quando questionados sobre os motivos para evadir, grande parte dos participantes apresentaram algo relacionado ao preconceito, entretanto não se constatou uma relação com os motivos que levaram os participantes a permanecerem na escola. Sobre as relações, a maioria dos participantes afirmou conseguir estabelecê-las, em relação aos alunos a maioria dos participantes conseguiam se relacionar, entretanto, em alguns casos, limitando-se aos seus amigos, em relação aos professores, grande parte dos participantes afirmou ter uma boa relação acadêmica, porém não eram com todos os professores e houve casos de professores preconceituosos, já em relação a equipe gestora, os participantes afirmaram ter uma boa relação, porém ninguém levou queixas sobre o preconceito, sendo que alguns nem tinham abertura para isso. Por fim, destaca-se que o preconceito influencia no desenvolvimento educacional dos alunos LGBTQIA+, afetando sua rede de apoio na instituição, limitando seu repertório de interações, inibindo seu comportamento e reforçando o comportamento de evasão.

REFERÊNCIAS

ALLPORT, G. W. (1954). **The nature of prejudice**. Reading, MA: Addison-Wesley. American Psychological Association. (2011). Definition of terms: Sex, gender, gender identity, sexual orientation. Recuperado de <http://www.apa.org/pi/lgbt/resources/sexuality-definitions.pdf>.

BARRETO, Danielle Jardim; et. al. Podem as Travestis estudar? Regimes de verdade sobre corporalidades vibráteis na escola. **Psicologia Política**, v. 18, nº 42, p. 322-336, Mai. – Ago. 2018.

CASALI, J. P.; GONÇALVES, J. P. (2019). População LGBT em âmbito escolar: preconceitos e discriminações x direito à educação e cidadania. **Itinerarius Reflectionis**, v. 15, nº1, p. 01-18, 2019.

CHACHAM, Alessandra Sampaio. **Violência e Sexualidade: uma análise comparativa entre jovens LGBT e heterossexuais estudantes de escolas públicas de belo horizonte**. In: VII CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO LATINO-AMERICANA DE POPULAÇÃO (ALAP) e XX ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS (ABEP), 2016, Foz do Iguaçu.



REVISTA CIENTÍFICA DA UMC



COLL, César; MARQUESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús. **Desenvolvimento Psicológico e educação** – Transtornos do desenvolvimento e necessidades educativas especiais. Porto Alegre: Artmed, 2010.

GIL, Antonio Carlos; **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GÓIS, João Bôsko Hora; SOLIVA, Thiago Barcelos. **A violência contra gays em ambiente escolar**. Revista Espaço Acadêmico, Niterói, v. 8, n. 123, p. 38-45, ago. 2011. Mensal.

MOREIRA, Yan Faria. **SAINDO DO ARMÁRIO E DA ESCOLA**: índices e causas de evasão de indivíduos não heterossexuais das instituições de ensino. In: II SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, DIVERSIDADE SEXUAL E DIREITOS HUMANOS, 2012, Espírito Santo. Espírito Santo: Online, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/index.php/gepss/article/view/3873>. Acesso em: 06 set. 2021.

OLIVEIRA, Marileide A.; LEITE, Lúcia P. **Análise da Regulamentação Sobre Educação Inclusiva no Estado de São Paulo**. In: VALLE, T. G. M.; MAIA, A. C. B. Aprendizagem e Comportamento Humano. São Paulo – SP: Cultura Acadêmica, 2010.

RAIMUNDO, L. H.; MIRANDA, M. H. G. de; SILVA, A. C. da; SILVA, B. A. R. S.; NASCIMENTO, D. da S.; ALMEIDA, J. C. de F.; SANTOS, L. T. S.; ROCHA, P. S. As Travestis, Transexuais e Transgêneros (TTTs) e a escola: Entre a (re)produção e a denúncia dos corpos abjetos. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 10, 2021.